



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

STEFANNI CAMILE DE OLIVEIRA BORGES

ARTE-EDUCAÇÃO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM ESCOLA

BRASÍLIA - DF

2015

STEFANNI CAMILE DE OLIVEIRA BORGES

ARTE-EDUCAÇÃO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM ESCOLA

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Sônia Marise Salles Carvalho, como Requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

BRASÍLIA - DF

2015

STEFANNI CAMILE DE OLIVEIRA BORGES

ARTE-EDUCAÇÃO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM ESCOLA

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Doutora Sônia Marise Salles Carvalho, como Requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professora Dr. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dr. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Dr. José Luiz Villar Mella (examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de poder estar desfrutando da mesma, pelas experiências vividas, pelas pessoas que colocou em meu caminho e pela saúde e força que me deste para que chegasse ao fim de mais uma jornada.

À minha mãe Maria Cláudia de Oliveira e ao meu padrasto Adelson de Jesus, pelo amor, dedicação, carinho e esforço que até aqui tiveram, buscando sempre proporcionar o melhor para mim e meus irmãos, pelos ensinamentos aos quais me dão até hoje.

Aos meus irmãos pelo carinho, e pelos momentos de alegria proporcionados.

À minha família por sempre ter confiado em minha escolha. Em especial à Sônia Aparecida de Oliveira Ferreira, que me deu a maravilhosa notícia de que havia passado no vestibular.

À Kátia Regina de Oliveira, minha madrinha que infelizmente não está mais presente fisicamente, mas continuará sempre em meu coração. Sou grata por sempre estar ao meu lado me apoiando, me aconselhando e sempre ter acreditado em minha escolha e capacidade.

As minhas amigas de curso que sempre estiveram ao meu lado, não só nas aulas, mas na minha vida.

À Universidade de Brasília, pelos professores que tive a oportunidade de conviver, aprender, pelas pessoas as quais eu me deparei no decorrer dos anos, e pelas amizades que fiz.

Às escolas que me acolheram e me deram uma oportunidade de vivenciar a profissão, aos professores que sempre estavam auxiliando em momentos precisos, aos alunos que me fizeram ter a certeza de que havia feito sim a escolha certa para o meu futuro profissional, por cada momento compartilhado e aos pais pela confiança a mim creditada.

A todos que sempre acreditaram em minha escolha e capacidade e acompanharam a minha trajetória. Por fim, não tenho palavras para descrever o quanto vocês são importantes e especiais em minha vida, a todos vocês o meu: Muito Obrigada!

Não existe meio mais seguro para fugir do mundo do que a arte, e não há forma mais segura de se unir a ele do que a arte.

Johann Goethe.

RESUMO

O presente trabalho busca uma reflexão sobre a aprendizagem através da arte, apresentando a importância de se trabalhar a arte com os alunos, através da experiência realizada em duas escolas privadas de Brasília – DF, onde foi desenvolvido um trabalho com os 1º e 2º anos e Maternal I, nos anos de 2013 e 2014. Para isto, foram descritas experiências educativas desenvolvidas ao longo da formação pedagógica do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. A arte – educação se faz muito presente nas escolas assistidas, ambas procuram abranger a todos os campos da arte: dança (Ballet), música, teatro e arte plástica. A proposta é mostrar como esta sendo trabalhado a Arte nas escolas vivenciadas, relatando quais as possíveis contribuições que o ensino de Arte nas escolas pode acrescentar na aprendizagem do aluno e na formação do indivíduo, comparando e/ou relacionando com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Palavras-chave: Aprendizagem, Arte, PCN.

ABSTRACT

The present research pursues a reflection about the learning through of arts, presenting the importance of working with art with the students through the experience fulfilled in two private schools of Brasilia DF, where was developed activities with the 1st and 2nd grades of the elementary school and the first year of pre- kindergarden, in 2013 and 2014. For that, where described educational experiences developed along the pedagogical training of the Faculty of Education at the University of Brasília. The art – education is so presented at the schools observed, both seek to cover all the fields of art: dance (Ballet), music, theater, and plastic arts. The purpose is to show how it has been worked, using art at that schools, reporting what are possible contributions that the teaching of arts at schools can add in the learning process of the students and the formation of them as individuals comparing and/or relating to the National Curriculum Parameters (PCN).

Keywords: Learning, Art, PCN

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PARTE I: MEMORIAL	11
UM POUCO DA MINHA HISTORIA DE VIDA	12
MINHA ENTRADA NO MUNDO ESCOLAR	13
VESTIBULAR E ESCOLHA DO CURSO.....	16
VIDA ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE	17
PARTE II: MONOGRAFIA.....	21
INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO 1.....	24
1.1 APRENDIZAGEM E ARTE	24
1.2 PROPOSTA DO PCN- ARTE	28
1.3 ARTE-EDUCAÇÃO	30
CAPÍTULO 2.....	39
2.1 PRÁTICA PEDAGÓGICA: JARDIM II AO 5º ANO.....	39
2.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA: MATERNAL I.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
PARTE III: PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	46
TER A ARTE COMO UMA ALIADA NO ENSINO.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS.....	51

APRESENTAÇÃO

A Aprendizagem e a Arte, sempre estiveram aliadas uma à outra desde o início da humanidade, seja de maneira assistematicamente ou sistematicamente. Com o decorrer do tempo ambas sofreram transformações, dando ao ensino de arte uma grande importância no desenvolvimento pedagógico dos alunos.

Perante esta perspectiva, este trabalho de conclusão de curso, debate a ligação entre aprendizagem e arte, trazendo para análise as propostas contidas sobre o tema nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e relacionando-as com as experiências vividas em duas salas de aulas de duas escolas privadas do Distrito Federal.

Na primeira parte do presente trabalho, encontra-se o memorial sócio-educativo, onde apresento as lembranças educativas. Relatando a minha história familiar, e a trajetória escolar antes e durante o egresso na Universidade, relatando momentos mais relevantes da vivência acadêmica e relacionando-os com a escolha do tema.

Referente a segunda parte da análise, trago uma reflexão entre a aprendizagem e arte, por meio do estudo a proposta dos PCN – Arte que mostra a importância de se trabalhar a habilidade artística dos alunos bem como sua possível colaboração no desenvolvimento do aluno em outros campos de conhecimento, fazendo uma ligação da Arte com a aprendizagem dos indivíduos.

No segundo capítulo encontra-se o relato de minha experiência educativa em duas escolas privadas do Distrito Federal, que ocorreram ao longo de dois semestres com dois públicos distintos, primeiro com alunos do Jardim II ao 5º ano e depois com o Maternal I, relatando as diferenças das experiências obtidas, o trabalho realizado em ambas mostrando a presença da arte, a realidade presenciada e proposta pelo PCN- Arte.

Na terceira parte relato as minhas perspectivas para o meu futuro profissional, abordando minha busca para um ensino de artes prazeroso e motivador, onde os alunos tenham conhecimento da existência da mesma. Não um ensino voltado exclusivamente para à Arte, mas trabalhando sempre que possível aliada com as demais áreas de conhecimento.

PARTE I: MEMORIAL

PERCURSO SÓCIO - EDUCATIVO

UM POUCO DA MINHA HISTORIA DE VIDA

Minha mãe sem duvidas é a minha primeira professora, desde cedo me ensinando os valores da vida, me auxiliando e me ensinando sempre que preciso.

Meus avós são mineiros mudaram para Brasília em 1966, ano em que minha mãe nasceu. Tiveram dezessete filhos, a vida não foi fácil, pois meus avós faleceram quando a minha mãe tinha apenas sete anos de idade, a diferença de uma morte para a outra foi de apenas um mês, desde então as coisas se tornaram difíceis, os parentes próximos não prestavam assistência, meu tio mais velho tinha apenas dezoito anos de idade. Sendo assim se viraram como puderam.

Minha mãe se mudou para Valparaíso de Goiás, onde conheceu o meu pai, os dois não chegaram a se casar.

Minha carreira acadêmica aconteceu da seguinte maneira uma pequena parte em escola particular e boa parte em escola publica do Estado de Goiás e no Distrito Federal.

Antes mesmo de estar inserida no mundo escolar, minha mãe me alfabetizava em casa, me ensinou o alfabeto, os numerais e a fazer contagem dos números. Tenho duas tias que são professoras, uma delas tinha uma escola bem do lado da minha casa, sempre ia para lá, assistir filme, quando tinha festas.

Acredito que o convívio com o mundo da escola me incentivou para a minha escolha profissional, sempre que podia estava ajudando as minhas tias, seja fazendo lembrancinhas, corrigindo provas. Desde criança sempre quis ser professora, e a área quem sempre chamou a minha atenção foi a educação artística.

MINHA ENTRADA NO MUNDO ESCOLAR

O meu egresso de fato na escola aconteceu aos cinco anos de idade, no ano de 1998. Era uma escola particular, localizada no interior de Goiás, Cidade Ocidental, uma cidade pacata que depende de Brasília.

Na mesma permaneci da pré-escola à primeira serie, os alunos eram moradores da região ou de bairros próximos, ia de transporte escolar, era uma escola bem reconhecida na região. Comecei a compreender a escrita e leitura na primeira serie, não tive muitas dificuldades, gostava de ler gibis, tinha muitos livros de historias em casa.

Era uma escola bem equipada, possuía parque, as salas eram amplas, o pátio era grande, havia piscina, sala de vídeo. Umas das canções que gostava de cantar era:

Os Dedinhos

Polegares, polegares

Onde estão aqui estão

Eles se saúdam eles se saúdam

E se vão e se vão

Indicadores, indicadores

Onde estão aqui estão

Eles se saúdam eles se saúdam

E se vão e se vão

Dedos médios dedos médios

Onde estão aqui estão

Eles se saúdam eles se saúdam

E se vão e se vão

Anelares, anelares

Onde estão aqui estão

Eles se saúdam eles se saúdam

E se vão e se vão

Dedos mínimos dedos mínimos

Onde estão aqui estão

Eles se saúdam eles se saúdam

E se vão e se vão

Todos os dedos todos os dedos

Onde estão aqui estão

Eles se saúdam eles se saúdam

E se vão e se vão

Todos os dedos todos os dedos

Onde estão aqui estão

Eles se saúdam eles se saúdam

E se vão e se vão

(Eliana)

Na sala de aula tinham aproximadamente quinze a vinte alunos, não existia estagiarias, era apenas a professora que nos auxiliava, gostava muito da professora ela era bem carinhosa com os alunos. Nas sextas tínhamos banho de piscina.

Na segunda serie mudei de escola nela permaneci até a terceira serie, uma escola particular, mas estava mais próxima a minha casa, mas ainda sim

ia de transporte escolar. Nessa escola fiz varias amizades, os meus colegas moravam todos uns perto dos outros e ainda tenho amizade com alguns ate hoje.

O que eu gostava nessa escola eram os amigos que lá fiz as atividades culturais que lá tinha como quadrilha, festa do folclore, coisas que na outra não acontecia muito frequentemente.

Na quarta serie mudei novamente de escola onde permaneci ate a oitava serie. Dessa vez uma escola publica um pouco distante da minha casa. A maioria dos professores não atuavam em sua área de formação, tinha professor formado em física que dava aula de matemática, fato que até hoje ocorre.

Foi um choque para mim, pois era um mundo totalmente diferente, começando pela estrutura, a escola era muito grande, atendia ao ensino fundamental I e II, o corpo docente era composto por excelentes profissionais, todos querendo fazer o melhor mesmo a escola não tendo recurso. As pessoas que frequentavam a mesma eram os próprios moradores, nela tive a oportunidade de sair da “bolha”, convivi com pessoas de diferentes classes sociais de filhos de agricultores a filhos de prefeito.

A escola possuía uma quadra de esportes onde passei boa parte das aulas de educação física jogando queimada.

Os colegas de classe da quarta serie me acompanharam ate a oitava, sempre permanecia os mesmos às vezes entravam algum diferente, no outro ano continuavam os mesmos alunos.

Lembro de que todas as manhãs antes de irmos para a sala nos reuniram no pátio e fazíamos uma oração, nas sextas tinha também a hora cívica.

A escola fazia passeios e feiras culturais certa vez teve uma exposição de artes na escola, onde cada aluno confeccionava um desenho que seria vendido, lembro que desenhei o Garfield, tinha cada desenho encantador, o dinheiro seria para levantar fundos para a escola, o que era muito bom todos

os alunos ficavam motivados para o dia da feira, havia campeonato de futebol, de queimada, ao lado da escola tinha um ginásio de esportes sempre que acontecia algum campeonato estávamos lá.

Por ser uma escola de uma região não muito favorável, a violência e as drogas estava bem visível aos nossos olhos, a escola sempre nos dava palestra, fizemos o PROERD, mas era lamentável muitos companheiros acabaram se envolvendo com as drogas e acabaram perdendo suas vidas.

VESTIBULAR E ESCOLHA DO CURSO

Em 2009 me mudei para Sobradinho, onde resídeo atualmente, mudamos para que eu pudesse ter mais oportunidades, pois a cidade de antes é uma cidade pacata e não oferece oportunidade de crescimento.

A escola onde conclui o ensino médio é uma escola pública bastante conhecida na cidade, possui uma excelente infraestrutura, bem equipada com recursos tecnológicos, localizada bem no centro da cidade, atende a alunos da região e de localidades próximas.

Me senti um pouco perdida todos se conheciam e eu era a única que não conhecia ninguém, comecei a fazer amizades, percebi que todos ao meu redor eram pessoas bacanas.

Os professores a maioria formados na UnB sempre nos incentivavam a fazer os vestibulares da UnB, PAS, sempre visando o egresso na Universidade de Brasília, confesso que o meu sonho não era passar na UnB, em momento algum, diferentemente dos colegas de classe que sempre sonhavam com a Universidade, já eu nem me preocupava.

Mesmo sem me preocupar em entrar na Universidade sempre alcancei as oportunidades, fiz o PAS, ENEM, e passei. Quando fui me inscrever para o vestibular deixei para o último dia e para a última hora, a pedagogia sempre foi um sonho, mas não sabia se era realmente o que eu queria, fiquei em dúvida entre pedagogia e jornalismo, mas enquanto preenchia o formulário de inscrição a pedagogia falou mais alto. E na realidade fazer o curso de

pedagogia era um sonho que tinha desde criança e o convívio com o mundo da educação foram cruciais para a escolha.

Não estava me preparando como deveria para o grande dia do vestibular, a única preparação que estava tendo era na escola, não estudava por fora. Nunca me falaram bem da UnB, ouvia sempre que tinha muita greve, professores que não estavam a mínima para os alunos, que quem estudava lá não tinha tempo para fazer outra coisa da vida.

O grande dia chegou e eu fui fazer a prova não muito confiante, pois sabia que as chances de passar sem estar preparada eram poucas, fiz a prova com calma, normalmente, mas chegou certo momento que não via a hora de sair daquela sala.

O dia do resultado saiu e eu nem me dei ao trabalho de ir conferir, graças a minha tia que estava lendo o jornal que viu o meu nome na lista dos aprovados, ela me ligou com a maior felicidade do mundo me dando os parabéns e eu sem entender o porquê, nem acreditei que estava realmente escrito o meu nome.

Fiz-me varias perguntas como pude passar sem ter me preparado? È mesmo o meu nome? Como consegui?

Mas não pude esconder a felicidade, por mais que eu não queria passar na UnB foi um grande presente, então fiz por onde valesse a pena eu ter ingressado na Universidade.

VIDA ACADÊMICA NA UNIVERSIDADE

Entrei na UnB no primeiro semestre de 2011, logo que comecei as aulas percebi que a UnB era totalmente diferente de como as pessoas relatavam, comecei a gostar de ir às aulas, dos professores, percebi que não eram nada de como me falavam e finalmente me senti pertencente à Universidade.

Logo de cara me deparei com o preconceito de algumas pessoas em relação ao curso escolhido: Pedagogia. Umas olhavam, com inferioridade,

umas me diziam que estava nova par tal curso. Mesmo assim quis seguir com a minha escolha e o melhor que não me arrependo de ter escolhido.

Sempre tive em mente qual seria o meu tema para a monografia, sempre estive muito ligada à arte, artesanato, pintura, desenho, musica. Então nada mais justo do que falar sobre a arte. Quando comecei o primeiro estagio na sala de artes ai tive a certeza.

A oportunidade de poder conviver com pessoas de diferentes cursos sem duvidas é a melhor de toda a liberdade que a mesma proporciona aos estudantes é sem comparação. Em quatro anos posso dizer que cresci como pessoa e profissionalmente, tenho certeza de que fiz a escolha certa para a minha vida, as oportunidades que aqui tive nenhuma outra Universidade alguma me proporcionaria.

Os professores muito bem capacitados sempre motivando os alunos, professores que dominam muito bem o assunto de suas disciplinas.

Lembro-me do primeiro semestre do curso, a semana de recepção aos calouros foi sem duvidas inesquecível. As disciplinas do primeiro semestre foram as melhores de todas, a maneira de como as aulas eram ministradas, as atividades sempre visando o convívio e a interação social, os professores encantadores.

Jamais me esquecerei das aulas de Oficina Vivencial, as atividades desenvolvidas, percebi que a aula pode acontecer de maneira diferente do modo tradicional.

Em Perspectiva do Desenvolvimento Humano, conheci alguns teóricos da educação, fui apresentada à Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Vygotsky, desde então os três tem me acompanhado em boa parte das disciplinas, com eles compreendi o desenvolvimento das crianças.

Em Projeto I, conheci de fato o curso de Pedagogia, descobri que existem varias áreas de atuação ate então tinha a visão de que só poderia atuar em sala de aula conheci também a Universidade a sua historia, as mudanças que ocorreram no decorrer do curso de Pedagogia.

No segundo semestre tive que encarar as aulas aos sábados e olha foram as melhores aulas mesmo sendo aos sábados era a aula de História da Educação, professora era excelente diferentemente do que se ouvia pelos corredores, dominava muito bem a sua área.

Com as aulas de Educando com Necessidades Especiais, me encantei a começar pela professora que era deficiente visual, percebi o quanto é importante o professor fazer adaptações de materiais para os alunos possam estar inseridos e como é importante o acompanhamento pedagógico.

No terceiro semestre nas aulas de Gênero e Educação, um assunto que tem se tornado cada dia mais frequente em nossa sociedade, tive a compreensão do quanto é importante estarmos com a mente aberta para as coisas, sem discriminação ou preconceitos.

O quarto semestre com a disciplina de Educação Matemática I, me perguntei por que os meus professores não deram uma aula de matemática como as que eu tive, a professora se auxiliava em materiais de baixo custo e fáceis de se encontrar, tive outro olhar para a matemática.

No quinto semestre tive a oportunidade de ter aula de Escolarização de Surdos e Libras, aprender a falar com as mãos foi um pouco difícil, senti na pele as dificuldades que uma pessoa tem em aprender e se comunicar com os demais.

Com o sexto semestre veio a oportunidade de cursar Tópicos Especiais em Práticas Pedagógicas, nela tive a oportunidade de conhecer várias escolas que funcionam muito bem de uma maneira nada tradicional e podem dar certo sim, escolas com projetos sensacionais e com ótima visão para o futuro.

No sétimo semestre com, Educação a Distância, conheci um pouco mais do trabalho dos professores que dão aula de longe, a importância que os mesmos têm na formação dos alunos, a maneira como funcionam as plataformas que antes a meu ver era coisa simples e percebi que não é tão fácil.

O oitavo semestre fiz umas disciplinas em outro departamento o da Faculdade de Educação Física - FEF, foi uma experiência muito boa as disciplinas são bem diferentes das que tive na Faculdade de Educação – FE.

O nono semestre veio com a construção da monografia, que apresento nos capítulos seguintes. A escolha do tema me acompanha desde o início da vida universitária, sempre tive um prazer em trabalhar com a área de artes, a experiência que tive na sala de artes do estagio sem duvidas foram de extrema importância para a definição da mesma e para o meu crescimento profissional.

PARTE II: MONOGRAFIA

EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar um estudo sobre a aprendizagem através do ensino de arte, em duas escolas particulares de Brasília – DF nas séries iniciais do Ensino Fundamental e Maternal. O objetivo da pesquisa é mostrar a possível importância de se trabalhar a arte, bem como a sua influência no desenvolvimento escolar dos alunos. Que por muitos foi negligenciando no mundo e no Brasil, assim como a sua possível importância para o desenvolvimento do aluno.

A arte - educação pode trazer muitas contribuições para o desenvolvimento escolar e interpessoal do aluno, como contribuir para que o aluno seja um sujeito mais observador, reflexivo, criativo. Mas muitas vezes as instituições de ensino deixam tal ensino a desejar não valorizando o ensino, indo contra a proposta do Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte e omitindo o aluno o a oportunidade de conhecer/ vivenciar a arte.

Deste modo o presente trabalho tem como objetivo descrever a vivência em duas escolas, relacionando com duas concepções, aprendizagem e arte e arte – educação, comparando com a proposta do PCN – Arte, em busca de uma possível contribuição da arte para o aluno.

Esta metodologia utilizada para a realização da monografia, no que diz respeito ao seu procedimento, está relacionada ao binômio: pesquisa - ação. Esta metodologia de investigação possibilita ao pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, de forma que possa mobilizar os participantes, construindo novos saberes. Segundo Thiollent:

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida a pesquisa-ação exige uma 21 estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo. [...] (2007, p. 17, 18).

A abordagem utilizada foi à qualitativa, onde existe a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números, os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Neste estudo a análise qualitativa esteve voltada para a qualidade das aulas de arte na escola em questão. Para GOLDENBERG

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (1997, p. 34).

De acordo com as referências apresentadas nesta monografia, buscou-se estabelecer neste trabalho uma relação entre os conteúdos estudados e as experiências vividas por meio de observações e intervenções nas escolas pontuadas.

CAPÍTULO 1

REFLEXÕES SOBRE APRENDIZAGEM E ARTE

O capítulo tem como proposta fazer apontamentos sobre as ligações que se fazem presentes entre a Aprendizagem e a Arte. Será abordada a importância do ensino de arte para o desenvolvimento pedagógico do aluno, como também para o seu social.

No primeiro capítulo será apresentado os temas Aprendizagem e Arte, para uma melhor compreensão do leitor, para posteriormente tratar-se em relação à proposta do PCN e sobre as modificações da Arte Educação no Brasil.

1.1 APRENDIZAGEM E ARTE

O sistema educacional mundial desprezou durante anos a criatividade dos alunos, a apenas alguns anos é que os educadores começaram a compreender que a criatividade está para o aluno destaque ao mesmo tempo que está para o aluno que não é destaque em sala de aula.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) traz na proposta geral:

Arte tem uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades o aluno que exercita sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver problemas do cotidiano

A arte está presente entre os humanos desde o início da humanidade. As primeiras expressões artísticas foram feitas em paredes de rochas, nas cavernas, a qual hoje dá-se o nome de pintura rupestre. Praticamente em todas as formações culturais, mas com o passar dos anos foram se transformando de acordo com as normas e valores impostos pela sociedade a qual está inserida. Quando o homem desenhava em uma caverna teve que aprender e

construir conhecimentos para espalhar essa prática, e compartilhando com as outras pessoas o que aprendeu.

Assim como as demais disciplinas a educação em arte também tem habilidades e competências de cunho artístico, que precisam ser observadas pelos professores em seus alunos. Para Aurélio Buarque de Holanda, Arte “é a capacidade ou atividade humana de criação plástica ou musical; habilidade de representação; produção; engenho”. Diante disso o PCN, afirma que:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (PCN- Arte-1997)

A arte de cada cultura tem sua peculiaridade, o modo de perceber, sentir e articular significados e valores é algo próprio de cada povo, mostrar ao aluno a cultura existente em sua comunidade a qual ele está inserido faz com que ele se sinta pertencente à mesma, pois irá se identificar com a cultura que está presente em sua casa, em sua família.

Quando o aluno tem a oportunidade de conhecer/vivenciar a arte de outras culturas tem a possibilidade de compreender a relatividade dos valores que estão inseridos no seu modo de agir e pensar tornando-o, assim capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivenciada, reconhecendo objetos e formas que estão ao seu redor. Seguindo esse pensamento Ana Mae Barbosa afirma:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

No mundo das profissões a arte também está presente nos mais diferenciados ramos de atividades, o conhecimento em artes se faz necessário

também no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos.

Jean - Claude Forquin (1982), acredita que a educação artística tem três formulações fundamentais.

I – a educação artística propõe – se criar nos indivíduos não tanto amor problemático e isolado por belas – artes e belas obras, mas, sobretudo uma consciência exigente e ativa em relação ao meio ambiente, quer dizer, em relação ao panorama e a qualidade de vida cotidiana desses indivíduos.

II – a educação artística propõe – se criar nos indivíduos não tanto aptidões artísticas específicas, mas, sobretudo um desenvolvimento global da personalidade, através de formas as mais diversificadas e complementares possíveis de atividades expressivas, criativas e sensibilizadoras.

III - a educação artística, porém não se contenta apenas com as virtudes instauradoras do acaso do *laisser – faire* (deixai fazer, deixai ir, deixai passar") e da não intervenção, mas pressupõe, pelo contrario, a utilização de métodos pedagógicos específicos, progressivos e controlados, os únicos capazes de produzirem a alfabetização estética, sem a qual toda expressão permanece impotente e toda criação é ilusória.

Pode-se observar que o ensino de arte não está somente preocupado em formar futuros artistas, mas preparar o indivíduo para que se possa ser futuramente um indivíduo mais reflexivo, capaz de produzir ideias, que tenha a inteligência mais apurada, mais observador.

A educação artística veio para compor um currículo que tem como objetivo propor a valorização da tecnicidade e profissionalização da cultura humanística. Essa educação vem sendo praticada de forma incompleta, desconhecendo que o processo de aprendizagem e desenvolvimento do educando envolve vários aspectos, mas muitas vezes é passado como uma simples atividade de lazer e recreação.

Nas escolas brasileiras podemos perceber que a apreciação artística e história da arte não têm lugar na escola, não se tem arte espalhados pelos corredores, as imagens que se tem de uma sala de aula são imagens

desestimulantes, dos livros didáticos, das folhas de colorir, ou as imagens que são produzidas pelas próprias crianças.

O professor tem um papel primordial que é desenvolver a capacidade criadora do aluno do decorrer de sua carreira escolar, para que o intelecto e a imaginação estejam sempre paralelos um ao outro. É importante também que o professor esteja pronto para que possa resultar no trabalho final dos alunos, pois às vezes pode dar errado não saindo assim como o esperado, assim como Kneller afirmou:

O mestre deve estar disposto a aceitar certa desordem no trabalho, algumas pinceladas grosseiras quando seriam mais artísticas, talvez pinceladas mais finas, ou mais minuciosas, alguns deslizos da pena, algumas manifestações externas de zanga ou impaciência pelas crianças quando o produto não corresponde ao que ele esperava. Quando se impõe de saída padrões em excesso, as crianças encontrarão motivos para não tenta-los de maneira alguma e para abandonar uma atividade.(1908, p. 104)

Seguindo o pensamento de David Ausubel à respeito da aprendizagem onde ele coloca que aprender significativamente é ampliar e reconfigurar ideias já existentes na estrutura mental e com isso ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos, ou seja trabalhar com o aluno o que ele já possui, neste caso trabalhar com a cultura a qual o aluno carrega consigo vindo de sua família e comunidade.

Ausubel (1963) acreditava que há duas condições para que a aprendizagem significativa ocorra: a disposição do aluno em aprender e o material desenvolvido, deve ser significativo para o aluno. O conhecimento prévio dos alunos constitui um amplo esquema de ressignificação, o qual deve ser mobilizado durante todo o processo de ensino e aprendizagem, pois com base neles o indivíduo interpreta o mundo. Com base nesse pensamento o PCN afirma que:

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessário investir em ações que potencializem a disponibilidade do aluno para a aprendizagem, o que se traduz, por exemplo, no empenho em estabelecer relações entre seus conhecimentos prévios sobre um assunto e o que está aprendendo sobre ele. (PCN, 1997).

O ensino da arte é fundamental para desenvolvimento da criança, pois arte é conhecimento e envolve o pensamento, o sentimento estético e a formação intelectual do aluno. Para Lowenfeld (1977):

A arte desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constituem um complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo.

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (PCN 1997).

1.2 PROPOSTA DO PCN- ARTE NO SISTEMA DE ENSINO BRASILEIRO

No Brasil, o ensino de Arte faz referência às modalidades artísticas ligadas à imagens, sons, movimentos e cenas.

Com base no PCN (1997), a arte deve estar inclusa em todas as series, mas na realidade isso nem sempre acontece, ainda se vê o ensino de Arte como mera atividade de recreação e para preencher o tempo vazio, muitas vezes as atividades já veem pronta, não há o processo de fazer dos alunos. De acordo com o PCN:

“Aprender arte envolve basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas”.

No Brasil em 1971, pela LDB a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina.

No início de sua inclusão curricular da Arte no Brasil, muitos professores não estavam habilitados nem preparados para o domínio das várias linguagens que seriam incluídas no conjunto de atividade artística, não chegando assim em sua proposta desejada. Os professores estavam se capacitando por meio de cursos de curta duração, através de guias curriculares e livros didáticos, onde não existiam fundamentos, orientações teórico-metodológicas ou mesmo bibliografias específicas.

Nessa época as faculdades de Educação Artística foram criadas especialmente para cobrir a demanda, sem instrumentação para a formação do professor, os cursos oferecidos eram técnicos sem bases conceituais. Nos anos 70 e 80, antigos professores e os recém-formados em Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas em Educação Artística.

A partir dos anos 80 constituiu-se o movimento Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de professores de arte, tanto da educação formal como da informal. O movimento Arte-Educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos e competência na área. As ideias e princípios que fundamentam a Arte-Educação multiplicam-se no País por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte - educadores, entidades públicas e particulares, com o intuito de rever e propor novos andamentos à ação educativa em Arte.(PCN 1997).

Em 1988, com a promulgação da nova Constituição, iniciaram-se discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a qual seria sancionada em 20 de dezembro de 1996. Cientes da importância do acesso dos alunos de ensino básico à área de Arte, houve manifestações e protestos de educadores contraídos a versão da referida lei que retirava a obrigatoriedade da área.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) revogaram-se as disposições anteriores, estabeleceu em seu artigo 26, parágrafo 2º que:

O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

A arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

A conscientização profissional que predominou no início do movimento Arte Educação evoluiu-se para discussões que geraram concepções e novas metodologias para o ensino e a aprendizagem de arte nas escolas. É com este cenário que se chegou ao final da década de 90, mobilizando novas tendências curriculares em Arte, pensando no terceiro milênio. São características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por Arte (e não mais por Educação Artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área, com conteúdos próprios ligados à cultura artística e não apenas como atividade.

Dentre as várias propostas que estão sendo difundidas no Brasil na transição para o século XXI, destacam-se aquelas que têm se afirmado pela abrangência e por envolver ações que, sem dúvida, estão interferindo na melhoria do ensino e da aprendizagem de arte. Trata-se de estudos sobre a educação estética, a estética do cotidiano, complementando a formação artística dos alunos. Ressalta-se ainda o encaminhamento pedagógico-artístico que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica. (PCN 1997).

1.3 ARTE - EDUCAÇÃO

O interesse pela educação escolar em artes é relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo.

Na escola tradicional, valorizavam-se principalmente as habilidades manuais, os “dons artísticos”. Aqui o ensino de Arte era voltado para o domínio técnico, centrado na figura do professor; o qual tinha que “transmitir” para os alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que

variavam de linguagem para linguagem, mas que tinham em comum, a reprodução de modelos. Havia também disciplinas cujo tinham orientações e conhecimentos voltados para uma aplicação imediata e a qualificação para o trabalho, como por exemplo: Desenho e Desenho Pedagógico. Para Cunha:

Inspirado nos princípios liberais (que defendiam a liberdade e a aptidão individuais) e positivistas (que valorizavam a racionalidade e a exatidão científica), o ensino do desenho tinha como objetivos principais desenvolver o raciocínio e preparar o aluno para o trabalho. Sua metodologia de ensino estava centrada na cópia e na memorização. O professor era responsável pela transmissão de conteúdos que devem ser absorvidos pelos alunos sem nenhum tipo de questionamento. (CUNHA, 1996, p.23).

No Brasil na primeira metade do século XX, disciplinas como: Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o conhecimento na transmissão de padrões e modelos das culturas predominantes. Atividades relacionadas ao teatro e dança, eram reconhecidas apenas quando faziam parte das festividades escolares, como Natal, Páscoa, etc., o teatro tinha apenas uma única finalidade: a da apresentação. Em musica houve um projeto idealizado por Heitor Villa-Lobos, na década de 30, tal projeto constitui referência importante por ter pretendido levar a linguagem musical de maneira consistente e sistemática a todo o País. Com as dificuldades na orientação de professores, acabou transformando a aula de música numa teoria musical baseada nos aspectos matemáticos e visuais do código musical com a memorização de peças orfeônicas.

Após alguns anos de execução o Canto Orfeônico foi substituído pela Educação Musical, criada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1961, vigorando efetivamente a partir de meados da década de 60.

Nas primeiras décadas do século XX, o ensino de Arte é identificado pela visão humanista e cientificista que demarcou as tendências pedagógicas da escola tradicional e nova. Embora ambas se contraponham em proposições, métodos e entendimento dos papéis do professor e do aluno, as influências

que exerceram nas ações escolares de Arte foram tão marcantes que ainda hoje permanecem mescladas na prática de professores de Arte.

Ao serem realizadas pesquisas no início do século XX, as quais resultaram em dados relevantes sobre o desenvolvimento da criança à respeito do processo criador, sobre as artes de outras culturas. Surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino de artes plásticas, música, teatro e dança.

Nas décadas de 20 70, as escolas brasileiras começam a vivenciar outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem da arte, influenciadas pelo modernismo e com base na tendência escolanovista. Surge então um olhar mais voltado para o desenvolvimento natural da criança. Existe uma atenção maior às suas aspirações e desejos que procurava deixar de lado a rigidez estética cobrada anteriormente. Inicia-se uma busca pela valorização do aluno, sua criação e desprendimento do modelo de reprodução.

Reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto - expressiva: valorizavam a livre expressão e a sensibilização para a experimentação artística como orientações que visavam o desenvolvimento do potencial criador, ou seja, eram propostas centradas na questão do desenvolvimento do aluno. (PCN, 1997)

Com o movimento modernista, o ensino da arte também sofreu influências através de John Dewey, filósofo e pedagogo americano e precursor da escola progressista. No Brasil foram introduzidas através de Anísio Teixeira, que modernizou a educação brasileira com o movimento da Escola Nova. Neste período “tomou-se a ideia de arte como experiência consumatória”, ou seja, “identificou este conceito com a ideia de experiência final” que segundo Barbosa (2008b, p.1), constitui-se num erro cometido não só no Brasil, mas também nos EUA, nas escolas de ensino básico. Para ela, a experiência consumatória de Dewey, ilumina toda a vivência, não apenas o estágio final, isto é, permeia todo o processo.

Erroneamente interpretada, a arte era usada para finalizar processos de aprendizagem de conteúdos diversos como exercícios de fixação. Não era aplicado o ensino da arte, como área do conhecimento, mas como

complemento de um estudo, por exemplo, a flora, a fauna, alimentos e outros, onde trabalhos de colagem, modelagem e pintura davam o “arremate” final ao estudo do tema.

Com as mudanças ocorridas as aulas de Desenho e Artes Plásticas passaram a ter um caráter mais expressivo, onde buscava - se a espontaneidade, valorizando o crescimento ativo e progressivo do aluno. As atividades de artes plásticas mostram-se como espaço de invenção, autonomia e descobertas, baseando-se principalmente na auto - expressão dos alunos.

O primeiro princípio do movimento de Arte-educação presentes nos trabalhos de expressão artística da criança, segundo os arte - educadores, seriam construídos a partir da leitura que a criança faria de si mesma e do mundo, por meio de linguagem simbólica para expressar a própria realidade, a qual seria construída a partir da seleção de suas experiências em relação ao meio circundante e a si mesma. De acordo com os arte - educadores para que isso aconteça deve-se oportunizar o contato e a percepção da criança de arte, para que ela construísse uma leitura de mundo consistente, além de auxiliar na constituição dos símbolos e da representação estética. Gombrich é um dos autores que defendem a auto - expressão, segundo ele:

Há uma confusão quanto ao que é chamado de auto - expressão na criança, que é algo muito bom, muito proveitoso e admirável, mas que é muito dificilmente aplicável à arte! Quero dizer: a partir do momento em que as pessoas pensam que tudo o que fizeram será arte, porque quando estavam na escola tudo o que faziam era considerável adorável por seus professores, aí então não se tem mais uma teoria da arte. Não há tendência, não há objetivos, e não havendo objetivo não há como saber contra o que se opor. (GOMBRICH, 1988, p. 146).

Estamos convivendo com a Arte - Educação o tempo todo e não temos a mínima noção da existência da mesma, porque pensamos que o aprendizado através da mesma esta restrita apenas aos espaços escolares ou em instituições ligadas à arte, como museus, ela acontece na sociedade de duas formas:

assistemáticamente, de uma maneira indireta através dos meios de comunicação, das manifestações não institucionalizadas da cultura, como as relacionadas ao folclore, danças regionais;

sistematicamente, de maneira direta na escola ou em outras instituições de ensino.

São inúmeros os benefícios do ensino de arte no desenvolvimento pedagógico e interpessoal do aluno, sendo assim os objetivos a serem alcançados também serão vários. Barrett (1979, p. 25), a partir de alguns resultados decorrentes do princípio do aperfeiçoamento cognitivo, definiu da seguinte forma os objetivos a serem atingidos através Arte-educação:

I - Desenvolver a capacidade de perceber o mundo em termos visuais, tácteis e espaciais.

II - Desenvolver a sensibilidade às mudanças perceptivas.

III - Reconhecer a arte como uma forma de pensamento capaz de manter

ideias criativas e servir de enquadramento aos juízos

A Arte – Educação está fundamentada em três eixos norteadores: 1) o fazer artístico; 2) o conhecimento histórico e 3) a apreciação estética. Sendo assim, o produzir, o apreciar e o refletir sobre arte se tornam indissociáveis, o ato de relacionar arte com as raízes culturais faria com que os alunos percebam a expressão artística como expressão de sua realidade.

De acordo com Gloton são as possibilidades do fazer artístico, do conhecimento histórico e da apreciação estética:

Possibilitar a expressão livre sob as suas formas, uma vez que constitui um meio de permitir um progresso contínuo no desabrochar das possibilidades criativas e receptivas da criança.[...] Fornecer múltiplos meios de expressão para enriquecer um vocabulário que irá transformar-se, de acordo com a tomada de consciência do espaço em relação a si mesmo e em relação aos outros. [...] Permitir ao jovem, através das suas próprias experiências, adquiridas num movimento de relações permanentes, desenvolverem o seu poder de apreciação, a sua reflexão, melhorar a memória do seu vivido para além da visão, incorporando-lhe os sentimentos, o prazer ou o desgosto. (GLOTON, 1973, p. 143).

Thomas Munro e Elliot Eisner, responsáveis pela mudança de rumo do ensino de Arte nos Estados Unidos afirmavam que o desenvolvimento artístico é resultado de formas complexas de aprendizagem e, portanto, não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce, é tarefa do professor propiciar essa aprendizagem por meio da instrução. Segundo eles as habilidades artísticas se desenvolvem por meio de questões que se apresentam à criança no decorrer de suas experiências de buscar meios para transformar ideias, sentimentos e imagens num objeto material. Essa experiência pode ser orientada pelo professor e nisso consiste sua contribuição para a educação da criança no campo da arte.

Ao ser introduzido na educação escolar brasileira, o ensino de Arte incorpora-se aos processos pedagógicos e de política educacional que vão caracterizar e delimitar sua participação na estrutura curricular.

Surgiram varias iniciativas paralelas ao ensino da arte na escola, como a Escola Brasileira de Arte, em São Paulo, que funcionava num local anexo do Grupo Escolar João Kopke, onde as crianças das escolas públicas de oito à quatorze anos, com talento, podiam gratuitamente estudar música, desenho e pintura”. Estas iniciativas estavam possibilitando um avanço significativo para o desenvolvimento das práticas educativas da atualidade, contribuindo para a reestruturação e redirecionamento do ponto de vista acerca do ensino-aprendizagem da arte.

O pernambucano Augusto Rodrigues, criou em 1948, a Escolinha de Artes do Brasil como nos apresenta Gilioli (2006) em seu artigo:

“A Escolinha de Artes do Brasil, criada em 1948, no Rio de Janeiro, lança uma nova proposta para o ensino das Artes Plásticas, com vistas à integração da atividade artística ao processo educativo, ou seja, a Arte-Educação.”

Augusto Rodrigues abrangeu sua Escolinha para a formação de professores e assim, a Escolinha de Artes do Brasil, teve influência multiplicadora. Estes professores e ex-alunos da escolinha fundaram outras Escolinhas de Arte por todo o Brasil. Este fenômeno resultou no Movimento das Escolinhas de arte, o MEA. Foi este movimento que começou a exercer

“pressão” sobre a escola comum, para que esta aderisse ao conceito de que a criança devesse expressar-se livremente utilizando lápis, papel, tinta guache e outros materiais.

Com o Golpe Militar de 1964, o ensino da arte sofreu algumas significativas interferências, foi então que a prática da arte nas escolas públicas primárias foi caracterizada pela sugestão de temas e desenhos alusivos à comemorações cívicas, religiosas e outras festas. Segundo Barbosa (2008b):

A Ditadura foi a responsável pela obrigatoriedade do ensino de arte nas escolas públicas. Contudo, ressalta que a ênfase da Lei 5.692, era extremamente tecnicista e pretendia profissionalizar o jovem no ensino secundário. (Barbosa).

De acordo com Barbosa (2008), na Escolinha de Arte de São Paulo, no início da década de 1970, até aproximadamente 1972, deu-se espaço às experiências que associavam a produção artística da criança com os processos mentais envolvidos na criatividade, bem como sua percepção e desenvolvimento da capacidade criativa crítica ou de abstração e análise de elementos do desenho.

Em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, o desenho mimeografado com formas estereotipadas para as crianças colorirem, ou se apresentam “musiquinhas” indicando ações para a rotina escolar (hora do lanche, hora da saída). Em outras, trabalha-se apenas com a auto - expressão; ou, ainda os professores estão ávidos por ensinar história da arte e levar os alunos a museus, teatros e apresentações musicais ou de dança. Há outras tantas possibilidades em que o professor polivalente inventa maneiras originais de trabalhar, munido apenas de sua própria iniciativa e pesquisa autodidata. (PCN 1997).

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é hoje a principal referência do ensino da arte no Brasil. Essa proposta procura englobar vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo, entre os principais estão: leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer).

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p. 17).

No processo de educação do olhar, e em todo processo de ensino/aprendizagem, a postura do educador na mediação de leituras de imagens deve sempre partir de uma abordagem problematizadora instigando o olhar, a reflexão respeitando as interpretações e julgamentos dos alunos, o educador não é dono do saber e da verdade e deve estimular e respeitar a autonomia dos educandos.

A contextualização de uma leitura de obra de arte não tem a obrigatoriedade de limitar-se a biografia do artista ou a história da arte, mas é importante esclarecer que também não as negamos quando estas se fazem necessárias para facilitar a análise da imagem.

Já a partir do fazer artístico espera-se proporcionar uma vivência e experiência durante toda a produção tornando o processo de ensino/aprendizagem completo e significativo para os alunos aplicando na prática os conceitos estéticos e poéticos abordados durante a leitura e contextualização.

A arte é um importante trabalho educativo, pois através das tendências individuais, procura amadurecer a formação do gosto, estimular a inteligência contribuindo para a formação do indivíduo, não tem apenas a preocupação da formação de artistas. O ensino de arte proporciona ao indivíduo o acesso à Arte como linguagem expressiva e forma de conhecimento.(PCN 1997).

A contemplação e a criatividade nas artes devem transcender o ambiente escolar. Além da expansão dos espaços culturais é importante que em cada espaço tenha um espaço reservado para as crianças provido de

material visual, ferramentas de interatividade, oficinas de pintura, artesanato, música, etc.

CAPÍTULO 2

RELATO EXPERIÊNCIA

Este capítulo busca resgatar as vivências pedagógicas obtidas nas escolas privadas, sendo uma Católica, ambas situadas em Brasília-DF, comparando-as com a proposta do PCN e a relação aprendizagem e arte.

Foram dois semestres de trabalhos desenvolvidos, os quais contribuíram para a realização deste trabalho, tive a oportunidade de vivenciar com o ensino de arte de duas maneiras diferentes: assistematicamente de maneira direta, e sistematicamente de maneira indireta.

As escolas observadas tem um olhar diferenciado para a arte, as mesmas procuram abranger a todos os campos do ensino de Arte possuem aulas de teatro, música (tocar instrumentos), dança (balé) e a arte plástica.

2.1 PRÁTICA PEDAGÓGICA: JARDIM II AO 5º ANO

Neste primeiro momento, serão descritos o trabalho desenvolvido na escola “A”. Escola privada e bem nomeada na cidade, no ano de 2013 possui Educação Integral a qual eu trabalhei.

Entre na escola em maio, no lugar de uma colega que saiu, quando fiquei sabendo em que sala iria ficar fiquei feliz, pois era a sala de artes, que trabalha com crianças do Jardim II ao 5º ano.

O que mais me chamou a atenção nessa experiência foi a criatividade e espontaneidade dos alunos, sobretudo dos alunos do Jardim I e do 1º ano, que faziam a arte com prazer. O PCN ressalta:

Aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado. Para tanto, os conteúdos da arte não podem ser banalizados, mas devem ser ensinados por meio de situações e/ou propostas que alcancem os modos de aprender do aluno e garantam a participação de cada um dentro da sala de aula.(1997. P. 35)

Senti-me em casa, sempre gostei de fazer artesanato graças a influência da minha mãe. No início foi um pouco difícil, a professora estava de atestado, logo, as aulas foram administradas por mim e por outra estagiária. A escola estava atrás de professora substitua, mas não encontrava. Achei um "erro" quando me jogaram na sala de arte, gostar de arte e uma coisa, ter que ministrar aulas e outra totalmente diferente e eu e uma colega não tínhamos noção do que fazer e como fazer.

Durante o período que a professora estava de licença me questionei porque os alunos estavam desinteressados, até pensei que só iriam para sala de artes para ocuparem o tempo. Quando ela chegou tudo mudou. Eles estavam aproveitando a ausência dela, mesmo assim tinha uns que nada queriam fazer por mais interessante que fosse a aula eles não queriam fazer. Usavam o material só pra jogarem fora porque não ligam para o que estão fazendo isso.

A escola poderia conscientizar os alunos sobre a importância do ensino de arte, assim como com as demais disciplinas que são mais valorizadas e respeitadas. Desse modo o PCN destaca:

É importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico; que suas experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar não são atividades que visam distraí-los da "seriedade" das outras disciplinas. Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetos de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e também contribuem inegavelmente para sua apreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo. (PCN 1997, p. 32)

Vejo a arte como uma disciplina muito desvalorizada pelos pais e alunos. Certo dia conversando com uma mãe de um aluno, que me mostrou o boletim escolar de seu filho, relatou que a única nota que estava baixa era a de Artes, ela ainda disse: "*A única nota baixa dele é de Artes, mas é Artes ainda bem*". Fiquei refletindo a respeito das visões negativas sobre o estudo da arte, como

pode alguém desprezar uma disciplina tão interessante, que nos trás muitas sensações boas como o relaxamento da mente, habilidade, desenvolvimento da coordenação motora, a criatividade, e ser tão menosprezada por algumas pessoas?

Cabe salientar que a arte é uma disciplina transversal, ou seja, está interligada com as demais. Para o PCN:

Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo. Por exemplo, o aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático.(1997, p.19).

Acho que falta uma valorização maior para a disciplina, ate mesmo pelos próprios professores, que às vezes jogam os trabalhos dos alunos no lixo, passam qualquer atividade muitas vezes para preencher o tempo vazio.

Senti falta da professora trabalhar com os alunos do jardim de infância alguns conceitos, como as cores primarias, para que eles vejam a mágica acontecer, mas isso não foi trabalhado, os alunos só recebiam papel, tinta, giz de cera e lápis de cor, só isso em todas as aulas.

Pensei que só em escolas publicas que era difícil de ter material didático, fizemos uma lista enorme do que estava faltando na sala, chegou nem a metade, pois alegaram que o ano já estava acabando.

As crianças sempre faziam a mesma coisa o jardim sempre com papel, todos os dias sempre tudo monotomo, então pensei e comecei a fazer barquinho, avião, casa, cata vento de papel para os alunos do jardim, onde eles faziam um desenho e colava as dobraduras, eles ficaram muito interessados, com as demais series fazia caixas e coração de papel, até que eles prestavam atenção e passaram a acompanhando o passo a passo.

A escola teve dificuldade para encontrar uma professora substituta, eu estava me virando como podia, sempre atrás de atividades para produzir com os alunos.

Quando a professora voltou tudo estava fuindo bem, as crianças estavam participativas, embora sempre tenha um que não quer participar ou só quer brincar, mas sempre participavam, fizemos canecas de papel mache, gatos de rolo de papel, mandalas, avião de pregador de roupas.

No decorrer dos dias percebi que uma aluna do 1º ano do ensino fundamental sempre ficava inventando as coisas na sala de arte, estava sempre criando, imaginando e os demais alunos sempre a imitavam suas ideias, sempre achando ruim quando a aula acabava.

Os alunos do 1º e 2º anos gostavam de trabalhar com materiais de sucata, pote de iogurte, caixas, linhas, quando encontravam esses materiais sempre criavam objetos uteis, como por exemplo, uma casa para o besouro.

Fiquei impressionada com a quantidade de papel que é jogado fora, acho que a escola devia ensinar quanto ao uso consciente dos materiais, usam um pedaço da folha e jogam fora, um absurdo, pois hoje em dia o que mais ouvimos falar é em sustentabilidade, conscientização e preservação do meio ambiente e não trabalha isso com os alunos principalmente na sala de artes o que é uma lastima, poderíamos trabalhar com os mesmos que podemos confeccionar utensílios incríveis de materiais e objetos que iriam para o lixo.

Aprender arte para o PCN :

entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais.(1997, p. 32)

2.2 PRÁTICA PEDAGÓGICA: MATERNAL I

No presente período trabalhando na Educação Infantil, especificadamente no Maternal I com crianças de 2-3 anos, na sala havia dezessete crianças, uma professora e duas auxiliares, é uma escola Católica , que tem como um dos objetivos trabalhar a autônima dos alunos.

Foi uma experiência totalmente diferente da primeira, estaria apenas trabalhando com uma única turma, e com alunos mais novos.

É admirável o empenho dos alunos a pintarem, rabiscarem, criarem e imaginar. Pena que eles não têm a plena consciência do que estão trabalhando com a arte.

A arte deve ser uma fonte de alegria e prazer para a criança quando permite que a organizem seus pensamentos e sentimentos presentes em suas atividades criadoras” Barbosa (1991, p.28)

Percebo que no Maternal a arte esta bem presente, mas os alunos não tem essa consciência. As atividades desenvolvidas na sala de aula eram sempre relacionadas a coordenação motora, atividades em que as crianças tem que pintar, colar, rasgar. Através da arte a criança se expressa, ao fazer suas produções artísticas ela cria usando a imaginação.

Na sala muitas crianças já estão em uma fase de desenho desenvolvida, são desenhos em que um adulto pode identificar o que esta desenhado, são desenhos bem definidos podendo ser identificado partes do desenho como olhos, boca, pernas, mãos.

No primeiro ano de vida a criança já é capaz de manter ritmos e produzir seus primeiros traços gráficos conhecido como garatujas”. As garatujas infantis são tão diferentes entre si como as crianças, umas são firmes e ousadas com movimentos largos, outras delicadas e tímidas. Entre os três e quatro anos as crianças dão nome a sua garatuja consegue relacionar suas imagens mentais com o que desenham são as garatujas ordenadas. A partir dos dois anos começa a traçar linhas no papel assim que tem em mãos um lápis sente-se feliz com esse movimento desordenado este exercício é essencial, à medida que repetem os traços a criança passa a sentir mais confiante. Para a criança os traçados em um pedaço de papel significam alegria, felicidade dessa forma consegue aos poucos ter o domínio dos movimentos. (Lowenfeld, 1997, p. 34).

Os alunos gostam muito de pintar, fazer bolinhas de papel, mas quando é pra rasgarem o papel eles tem certa dificuldade, apesar de sempre estarmos auxiliando. Os trabalhos feitos pelos alunos sempre ficavam expostos para que os pais pudessem ver.

Vejo a arte aqui como uma aliada para o aprendizado dos alunos. Pois as tarefas escolares são todas executadas tendo a arte como uma base. As atividades requer que os alunos desenhe, pinte cole, trabalhando a coordenação motora, a criatividade, imaginação, entre outros aspectos.

A escola tem o “Projeto Grafismo”, onde todos os meses tem que ser feito um desenho. Quando tem uma data comemorativa no mês pedimos para que o aluno desenhe com tal tema, como por exemplo: em maio pedimos para que desenhasse as mães, em junho dançando quadrilha.

A arte traz o contato com diferenças culturas existente, com base no PCN:

A arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal: uma criança da cidade, ao observar uma dança indígena, estabelece um contato com o índio que pode revelar mais sobre o valor e a extensão de seu universo do que uma explanação sobre a função do rito nas comunidades indígenas. E vice-versa. (1997, p. 33)

Todo mês trabalhávamos as cores, a maioria das crianças conhecem algumas cores, mas sempre se confundem com outra cor. Para apresentar a cor fazemos uma rodinha, momento em que a professora apresenta a cor, mostra objetos que tem na sala e os que os alunos trazem de casa com a respectiva cor, depois fazemos atividade com tal cor.

É encantador o gosto que as crianças têm pela arte, sempre estão dispostos a pintarem, a criatividade que os mesmos têm de estarem imaginando o que está desenhado é sem igual.

No geral as crianças gostam de pintar, de fazer as atividades as quais os professores têm a mínima participação, embora estejamos sempre auxiliando, tudo o que é produzido são os próprios alunos que fazem os professores só interveem quando requer fazer algo que exige uma habilidade maior, para recortar, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as experiências obtidas como professora percebi que a arte esta muito presente na vida escolar dos alunos, mas nem sempre os mesmos tem a consciência de sua existência, com grande evidência no Maternal, mas que ao decorrer das séries ela se perde aos poucos, talvez pelo fato de que as prioridades vão mudando, os alunos estão cada vez mais cedo se preparando para vestibulares e concursos.

Vejo o ensino de arte uma área ainda muito carente. Carência que vai desde a valorização da área de ensino, quanto aos recursos destinados à mesma.

Lembrando um pouco como aluna do Ensino Fundamental e Médio, conclui que o ensino de arte é desvalorizado, pelo Estado, Escola e Professores, e pelos pais. Alguns professores tentam fazer um ensino de qualidade, mas por falta de apoio da Escola e falta de material, não conseguem.

Ainda com uma visão de aluna, no decorrer das series as quais eu cursei, percebo que as aulas de arte que eu tive eram na maioria das vezes apenas para preencher o tempo vazio.

Hoje com as experiências vividas e conhecendo um pouco mais sobre ao ensino de arte, percebo que pouca coisa mudou, ainda há uma desvalorização da mesma, em muitas escolas ela existe apenas para preencher o vazio, como mera atividade de recreação.

Mesmo sabendo de sua importância é pouco ou quase nada valorizado pelo Estado, Escola e Professores.

Acredito que o ensino de arte ainda vai demorar um tempo para que seja totalmente valorizado e aplicado como está prescrito no PCN-Arte (1997), mas cabe a cada escola e professor fazer um ensino de qualidade e não somente esperar que o Estado faça alguma coisa, contribuindo assim para a melhoria do ensino, mas para a aprendizagem e interesse dos alunos, e assim melhorando a qualidade de ensino brasileira.

PARTE III: PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

TER A ARTE COMO UMA ALIADA NO ENSINO

O curso me trouxe a oportunidade de ter uma visão mais realista sobre o ensino do Brasil, com grande evidencia o ensino do Distrito Federal, tive a oportunidade de conhecer a realidade tanto das escolas publicas e quanto das privadas.

A maioria das escolas seguem o método tradicionalista de ensino, outras seguem o tradicional, mas com alguma alteração. Sei que a realidade das escolas publica brasileira está cada vez pior, seja pela falta de profissionais capacitados, estruturas, falta de materiais didáticos básicos.

Mesmo sabendo de tais carências pretendo trabalhar em escolas publicas e pretendo também ser uma profissional em busca de proporcionar e fazer o melhor que poderei fazer aos meus alunos, à escola e à comunidade, podendo assim contribuir a cada dia para a melhoria da educação brasileira.

Pretendo ter a capacidade de despertar nos alunos o quão prazeroso é a arte, mostrando os benefícios que nos proporciona, como a criatividade, imaginação, etc., mostrando o quanto ela está resente no nosso cotidiano e muitas vezes nem percebemos. Podendo assim contribuir para uma cultura mais rica, com alunos mais interessados no ensino de arte e valorizando o mesmo.

Não precisa de muito para fazer muito, para mim as melhores ideias são aquelas que foram pensadas nas dificuldades, com pouco recurso e pouco dinheiro. A nossa capacidade e força para querer fazer o melhor com pouco é maior e mais valiosa do que qualquer recurso financeiro.

Acredito que o a melhoria da educação brasileira está nas mãos dos professores recém-formados e dos futuros professores, não menosprezando os professores que já têm experiência docente, cabe a nos professor fazer o melhor que possamos para que mais adiante nossos filhos e netos possam desfrutar da educação que lutamos para idealiza lá.

Sei que com o decorrer dos anos meu pensamento pode mudar, porque não temos certeza do que o futuro nos prepara, mas seja por onde for sempre estarei buscando semear o professor que existe em mim.

“Como professores temos que acreditar na mudança, temos que saber que é possível, do contrario não estaríamos ensinando, pois a educação é um constante processo de modificação”.

Leo Buscaglia

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David, e a aprendizagem significativa
<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/david-ausubel-aprendizagem-significativa-662262.shtml> Acesso em 20 de maio de 2015

Arte e Educação: Um encontro possível. Disponível em:
<http://www.arteducacao.pro.br/arte-e-educacao-um-encontro-possivel.html> -
Acesso em maio de 2015

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos. – 7. ed. rev. – São Paulo, Perspectiva, 2009. (org.). Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais. – São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte/Ana Mae Barbosa (org). In: conceitos e terminologias Aquecendo uma transformação: Atitudes e Valores no da Arte. 2 ed .São Paulo: Cortez,2003.

BARBOSA, Ana Mae. Jonh Dewey e o ensino de arte no Brasil/ Ana Mae Barbosa. 3. Ed. Ver e aum.- São Paulo: Cortez, 2001

BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: artes/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLL, Cesar; TEBEROSKY, Ana. Aprendendo arte. São Paulo: Ática, 2000.

Descubra o que é a Arte, Brasil Escola
<http://www.brasilecola.com/artes/arte.htm> - Acesso em 22 de maio de 2015

Eficácia da arte no ensino aprendido. Disponível em :
<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/21118/a-eficacia-da-arte-no-ensino-aprendizagem#!> - Acesso em abril/2015

Ensino de Arte. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino_de_arte
Acesso em junho de 2015

FRATARI, Maria Helena Dias; SANTOS, Adriana Maria dos - ARTES VISUAIS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL
<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo30.pdf> acesso
abril 2015 Acesso em janeiro de 2015

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo:
Atlas, 2002

JUSTINIANO, Célia Joaquim; A Eficácia da Arte no Ensino Aprendizagem,
novembro de 2012. Disponível em:
[http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/21118/a-eficacia-da-arte-
no-ensino-aprendizagem#!10](http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/21118/a-eficacia-da-arte-no-ensino-aprendizagem#!10) Acesso em 20 de maio de 2015

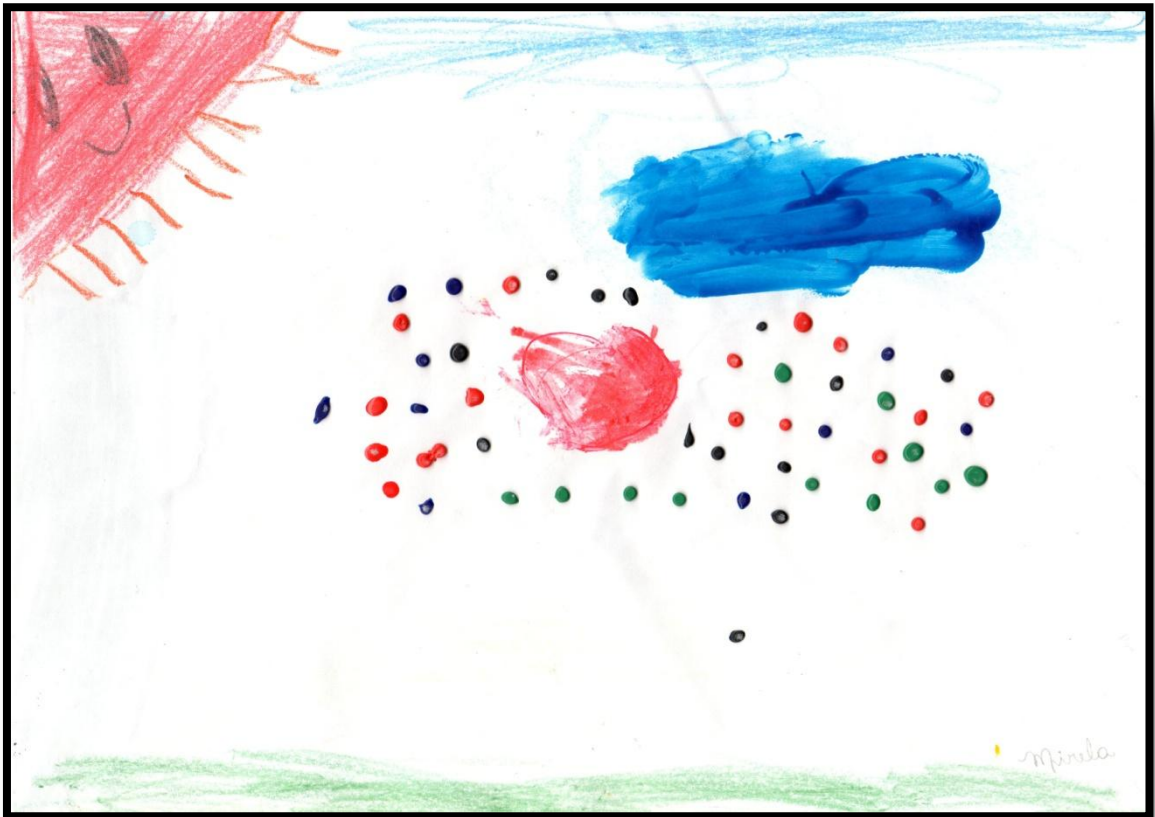
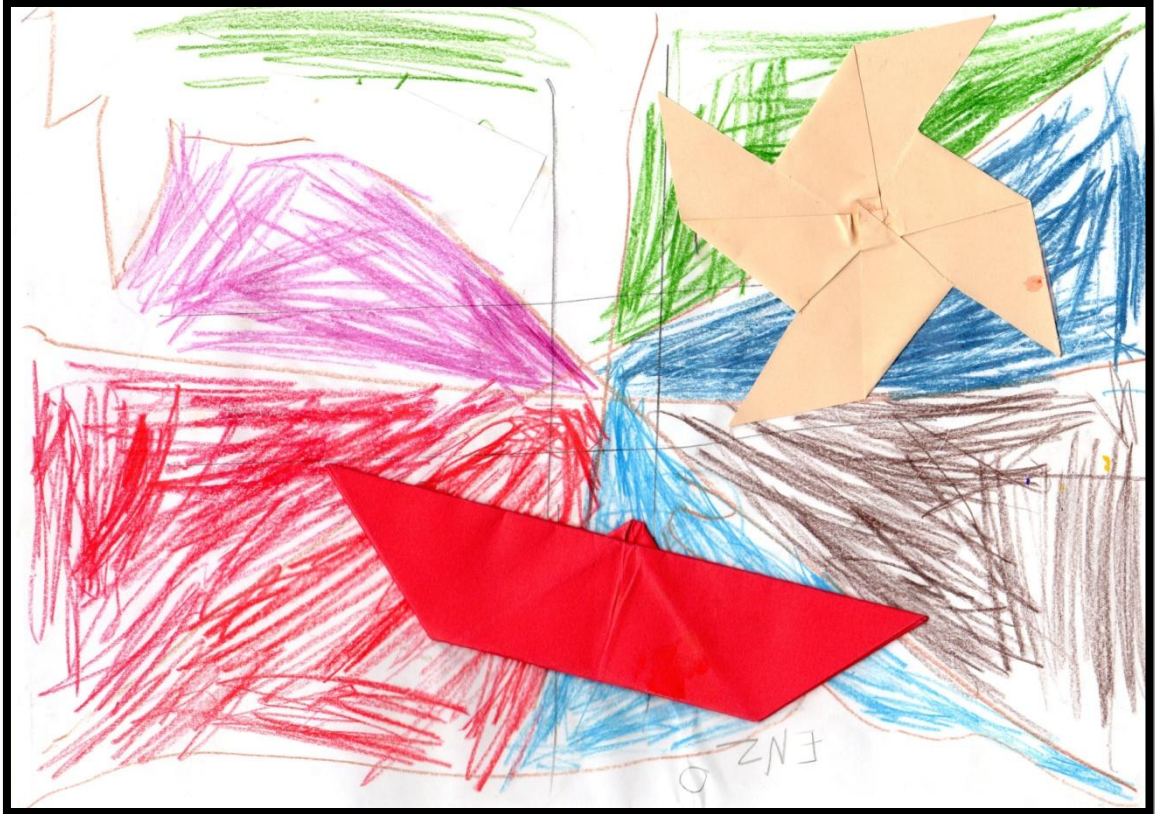
KNELLER, George Frederick, 1908; Arte e ciência da criatividade; tradução de
J. Reis. 5º Ed. São Paulo: IBRASA, 1978

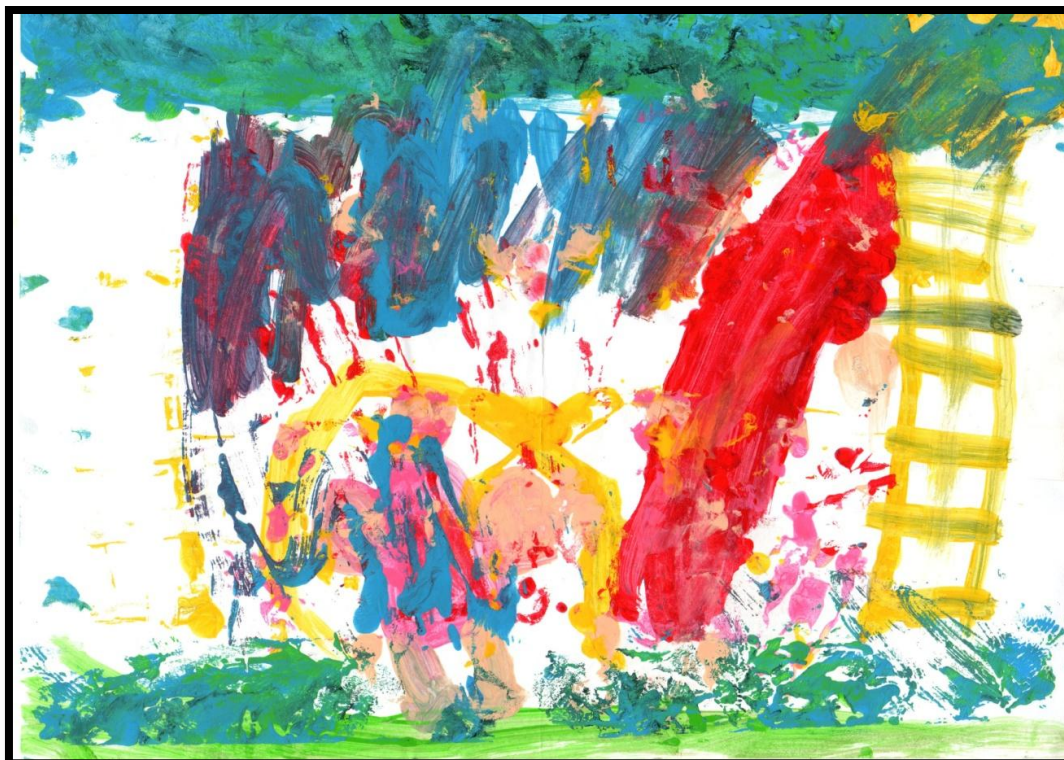
LUIS, Porcher, Educação Artística: luxo ou necessidade?, org; tradução de Yan
Michalski; direção da coleção Fany Abramovich. São Paulo: Summus, 1982.
Novas buscas em educação; v.12

READ, Herbert. O sentido da arte. São Paulo: Ibrasa, 1968.

ANEXOS







Casa de passarinho feito de caixa



Navio feito de caixas



Carro feito de tampinhas, palitos e canudo



Cobra



Porco



Binocolo



Robô